



FORTALEZA  
DESENCANTADA

*A autora best-seller Amazon*  
ANNA ANDRADE

## Sinopse

Em uma Fortaleza obscura do século XX, em que humanos e monstros coexistem em uma sociedade dividida, Ísis enfrenta um desafio misterioso muito além dos conflitos políticos. Quando Hana, uma bela fada, surge na penumbra da catedral abandonada com um pedido desesperado de ajuda, Ísis se vê motivada a socorrê-la.

A chegada da sedutora fada foi muito mais do que um estímulo para investigar o sombrio assassinato de um monstro, pois foi enlaçada em um romance hipnotizante.

Com a ajuda de Klaus, o melhor detetive da cidade — ou sem ela, se necessário — Ísis precisa procurar por provas para inocentar Hana, ao mesmo tempo que desvenda o enigma em busca do culpado do crime e cede às seduções da fada.

Em um conto de Gaslamp, com elementos góticos, fantásticos e influências da cultura coreana, Anna Andrade entrega uma história com protagonismo sáfico que promete divertir e cativar seus leitores.

## Prólogo

O som do gongo despertou Ísis, que quase dormia em pé na parada. A sombra da árvore do lado da parada suavizou o brilho do poste de lâmpada a gás, o lugar ideal para esperar pelo bonde.

O transporte parou na sua frente, e ela acenou para a motoneira, como era de costume. Naquela hora da noite, os passageiros se identificavam antes de embarcar. Não se sabia se um monstro poderia surgir na penumbra.

Para Ísis, essas histórias eram apenas preconceitos infundados.

No mesmo quarteirão, um lobisomem andava com calma, seguindo o fluxo da rua, assim como outros monstros. Por mais que seus destinos fossem distantes, eles não tinham permissão para usar transportes públicos. Era uma marca visível do abismo social entre as duas raças.

Por vezes, a desigualdade era justificada pelo medo. Ísis conhecia bem o rosto de alguém amedrontado. A testa saliente, os olhos arregalados, a boca aberta, mas as características poderiam ser de qualquer criatura. Sentir-se ameaçado não deveria ser sobre o que o outro é, e sim o que ele faz.

Ao conseguir seu primeiro emprego com o melhor detetive da cidade, notou, na prática, a ínfima porcentagem de assassinos monstros. A papelada em cima da mesa ou guardada em caixas comprovaram que os humanos usavam o julgamento como arma.

E Ísis achava irônico pensar em mortes fora do ambiente de trabalho, como se não bastasse lidar com crimes o dia inteiro. Mais irônico ainda era o fato de estar em um ambiente coletivo e não ser criticada pela sua aparência.

O belo vestido rodado poderia passar despercebido por um sutil detalhe macabro na altura das coxas, as manchas de sangue. Ela poderia ser uma criminosa, que fugia do recente assassinato, porém sua raça lhe deu privilégios. Ninguém questionaria sua integridade no primeiro momento.

Não era sobre a má índole, mas a aparência contava história. Pela cor do tecido ser preta e as luzes do bonde serem sutis, os passageiros não perceberam o vermelho nela.

Na verdade, ninguém se importou quando a garota entrou no transporte, deram um “boa-noite” polido para manter a etiqueta. Os rostos cansados de um dia de trabalho explicavam por que preferiam ficar em silêncio até descerem em suas paradas.

Ísis adorava tagarelar, e com o tempo aprendeu que era melhor não tentar iniciar uma conversa naquelas circunstâncias. Sentou-se no único assento vago antes que a motoneira desse partida, era uma das poucas à noite que se importava com a segurança dos passageiros. Ela com certeza entendia a facilidade de tropeçar pelo impulso do motor quando se estava de vestido longo, espartilho e sapatos com salto.

Não que eles impedissem Ísis de correr, saltar ou perseguir alguém.

Um suspiro escapou de seus lábios carnudos, um retrato da sua exaustão após um longo expediente. Klaus, o patrão, poderia ser um excelente detetive, mas também era exigente quanto às tarefas diárias. Por isso, raras vezes cumpriam o horário acordado.

Foram nas voltas tarde da noite que ela decorou quando o bonde passava, como também encontrou o próprio entretenimento até chegar em casa. Tateou a bolsa no braço, seu acessório inseparável, abrindo-a e pegando um livro de poesias. Esperava relaxar durante a viagem, e palavras românticas lhe caíram bem. Além disso, aliviou a turbulência das últimas horas, não era fácil lidar com cadáveres e assassinatos.

Em dez minutos lentos, o odor de sangue começou a incomodá-la. Fazia quinze dias desde que tinha assumido o emprego e ainda não se habituou ao cheiro. Os passageiros ao lado dela, por outro lado, se repararam, não reagiram. Estavam mais concentrados em suas leituras ou devaneios, olhando pela janela, do que com a nova ajudante do detetive.

Na quinta parada, Ísis desceu com um estranho, ele estava a poucos centímetros dela. A garota desviou, seguindo com normalidade o caminho de casa. Ficou atenta aos passos atrás, que continuaram constantes. Não tinha reparado em nenhum detalhe do estranho, além do terno maior do que o próprio corpo e o chapéu Bowler, conhecido por ter aba curta e copa redonda.

O coração de Ísis continuou ritmado; frequentar ambientes hostis era de praxe no seu trabalho. Fazia uma semana que andava com um punhal preso na coxa, dado pelo próprio Klaus. Não que ela soubesse como usar, mas deu uma falsa sensação de segurança para a garota de 19 anos. Já bastava se recusar a ter uma dama de companhia, Ísis ao menos tinha que ter uma proteção.

Apalpou o local do punhal, e desviou da rota. Os sons das ruas paralelas eram baixos, havia poucos automóveis funcionando. O bar da esquina foi sua salvação, pois o estranho atrás dela parou ali para beber.

Ficou aliviada ao retornar para casa. Talvez não estivesse tão confiante quanto acreditava.

Estranhou ao se aproximar do único casarão antigo da quadra. Pela janela do primeiro andar, percebeu-se a luz ligada. Pelo horário, Ada, mãe de Ísis, deveria estar dormindo no segundo andar.

Passou pelo portão de ferro e o fechou com cuidado, era muito velho, por isso havia ferrugem por toda parte. Pela pontual luz da rua de dois postes com lâmpada a gás, pouco se enxergava do belo jardim da entrada. A escadaria estava logo à frente, e Ísis apressou os passos para abrir a porta com a chave que estava dentro da bolsa. Surpreendeu-se por estar aberta, a mãe não conseguia dormir com ela destrancada.

Ísis se preocupou que um mal tivesse acontecido com Ada. Há sete anos o pai da garota morreu, e desde então Ada não saía de casa, muito menos recebia visitas. A vida se tornou regrada de dias iguais, foi por isso que Ísis procurou um emprego.

Não queria cair nas sombras como a mãe.

Ainda assim, lutaria por ela.

A garota nem fechou a porta, como fizera com o portão, correu para a sala em velocidade. O cômodo claro incomodou seus olhos, que estavam adaptados aos últimos minutos de pouca luminosidade.

Piscou diante de Ada, que estava sentada no sofá, plena. Vestia um roupão suntuoso, bem acinturado em seu corpo negro retinto, a roupa era em ocasiões especiais, como Natal e o dia

seguinte ao Ano-Novo. O cabelo cacheado preso em uma touca de pano fino. Pareceu que ela esperou ansiosamente pela chegada de Ísis.

— Filha, temos que conversar — disse Ada, empolgada, como se não fosse tarde da noite.

— Pode esperar até amanhã? Hoje foi um dia e tanto, gostaria de tomar um banho e me deitar. — Ela indicou o vestido sujo, massageando de leve o peito para se acalmar do susto.

— Claro que não, já me segurei por tempo demais! Preciso te contar, você é a pessoa mais importante da minha vida, a minha única família.

A voz doce de Ada era carregada de emoção e drama, que Ísis estava habituada. Ficou mais melancólica com a solidão.

— Como preferir, mãe.

— Serei direta, uma vez que está cansada... Estou trocando cartas com um homem. — Ada deu um pulo do sofá e segurou Ísis pelos braços, chacoalhando-a com entusiasmo.

A mente da garota parou por cinco segundos, pega pelo choque.

— Fico feliz em saber. — Ísis tentou se desvencilhar, mas Ada a agarrou com força. Mesmo assim, esboçou um sorriso acolhedor.

— Não vai me perguntar se você o conhece?

Ísis conseguiu se afastar, cerrando os olhos para Ada. Aquela era uma pergunta capciosa, ainda mais quando a mãe demonstrou tamanha felicidade. Hesitou em perguntar, teve medo do que Ada poderia lhe dizer.

A novidade da troca de cartas era um grande feito, mas ela precisava de tempo para absorver. Pela forma como Ada a chacoalhou outra vez, Ísis se encontrou em uma encruzilhada. Teria que fazê-lo.

— E eu o conheço? — A garota cerrou os olhos, e observou o rosto iluminado da mãe.

— É o Klaus, querida, o seu patrão.

Os sons do casarão se misturaram às palavras de Ada, tudo tinha perdido sentido na mente de Ísis. Não passavam de barulhos sem nexos, nem sequer formavam sílabas. Para a garota, até pareceu ter certa lógica, pois a frase da mãe não podia ter existido.

## Capítulo 1

Não foi fácil para Ísis se levantar depois de ter sonhado com a mãe se casando com Klaus. Nem se lembrava desde a última vez que ela teve um pesadelo dessa dimensão. Talvez estivesse exagerando, como a mãe fizera na noite anterior, mas a ideia de incluir o patrão na família lhe tirou a paz.

Como se não bastasse ele fazer o mesmo com Ísis no trabalho.

No sonho, Ada e Klaus estavam felizes, embora as roupas de ambos estivessem ensopadas de sangue. Jorrou um líquido vermelho horrendo do bolo de casamento, quando foi cortado. Não era nada higiênico, e também não tinha lógica, mas pesadelos eram assim.

Havia um cadáver no meio do salão de dança, que Klaus pediu para que Ísis removesse um pouco antes da primeira dança. Na vida, ele não pediria para acrescentar luvas, acreditava que ter completo acesso ao material do crime lhe dava uma melhor perícia.

Não seria Ísis que o questionaria. Ele tinha um ótimo histórico de casos solucionados e bons contatos, muitas vezes ele e Ísis chegavam ao local do assassinato antes mesmo da polícia, o que lhes dava tempo para colher pistas sem a pressão dos policiais.

Naquela manhã, não seria diferente. Agendaram cinco visitas que implicaram na presença mais cedo dela no escritório. Por mais que quisesse se atrasar diante da última notícia, não abusaria do seu período de teste com o detetive.

Lavou a pele negra com a única água disponível no momento — gelada, para sua infelicidade —, colocou outro vestido preto, que lhe cobria por inteira, do pescoço às canelas, arrumou os cachos castanhos em um coque alto e pegou sua bolsa.

O quarto estava fresco quando partiu, deixou as janelas abertas para a luz do sol entrar. As grossas cortinas dos cômodos criavam uma atmosfera sombria, que combinava com os móveis antigos. Era fácil se assustar à noite, ainda mais com os sons da própria casa.

Pela manhã, a residência se mantinha silenciosa, exceto pelos passos calculados de Ísis para não acordar a mãe. Como Ada tinha esperado por ela até tarde, a garota supôs que ela descansasse por mais tempo.

O cuidado em não fazer barulho deixou Ísis concentrada, atenta aos movimentos, mas não o suficiente para reagir à aproximação do vulto. Abafou um grito ao se deparar com a governanta Min, uma vampira excepcional, que surgiu na sombra da sala. Colocou a mão no peito, desviando o rosto tenso. Min não fazia por mal, mas era perspicaz quando se tratava de aparecer em momentos fortuitos.

— Por Deus, que susto! — Ísis riu de nervosa, trocando a bolsa de braço e ficando ereta, em uma tentativa de se recompor.

A governanta iniciou uma conversa em libras, perguntando se a garota gostaria que lhe servissem o café da manhã.

— Não, obrigada. Estou sem fome hoje.

Ela se virou para a porta da entrada, e Min a tocou no braço. Assim que ganhou a atenção de Ísis de volta, ela indicou o andar de cima.

— O que tem a mãe?

A comunicação de Min indicou que Ada estava melhor no quesito mental.

— Sério? De verdade, fico feliz por ela nessa nova fase. Ainda estou digerindo tudo, não sei se o detetive Klaus é uma boa companhia para a mãe. Me pergunto se ele não mandou nenhuma carta com gotas de sangue ou sujas de óleo.

A governanta parecia ter uma opinião formada sobre o assunto, pois franziu o cenho. Ressaltou as rugas próximas aos olhos angulares, pouco vistas pelas mechas do cabelo preto na frente do rosto.

— Nunca se sabe com o que ele vai estar mexendo quando está trabalhando. Você ficaria surpresa se visse com o que lido todos os dias, então tente entender meu receio. — Ísis se lembrou do caos no escritório.

Min negou rapidamente com a cabeça e cruzou os braços, a garota não conteve o sorriso forçado com a afronta. Ada tinha seus guardas na casa, os funcionários prezavam pela integridade e felicidade dela. O cuidado deles deu a Ísis certa firmeza em não encher a mãe de perguntas, alguém estava olhando Ada, e a garota podia ir com calma ao abordar o tema.

Um dia de semana pela manhã não era a melhor hora para refletir com cautela. Na verdade, a retomada do relacionamento entre Ada e Klaus fez o sangue de Ísis ferver. O detetive teria que escutá-la, a garota não tinha intenções de dosar a língua com ele.

Klaus não tinha coração, era bruto e imoral. Como alguém igual a ele seria adequado para Ada?

— Até mais tarde, Min — disse ela, indo em direção à porta. — Por favor, tenha certeza de que a mãe vai comer bem. Notei que ela emagreceu nas últimas semanas...

A preocupação de Ísis era genuína, a tristeza tomou Ada em um nível preocupante. O isolamento, a falta de apetite, as longas dormidas, o desinteresse em atividades, que antes eram frequentes, foram sinais de que a mãe precisava de atenção redobrada.

Por isso lhe incomodava imaginar que Klaus estivesse envolvido com a mãe — sim, a mente de Ísis se atentou às prioridades. Ada tinha muitas qualidades, embora não fosse forte no amor.

O pai colocara a mãe debaixo da sola do sapato, vez ou outra, quando estava vivo, mostrando-a quem mandava na casa. Ela se acostumou com as aparências fora de casa, assim como a fachada de uma família feliz. Foi criada para servir, e fez sentido ser submissa na relação.

Agora, com a viuvez, Ada pareceu perder o rumo da vida. Não conseguia casar Ísis por ser uma garota astuciosa, que fugia de pretendentes, e se viu isolada da sociedade como uma mulher sozinha, sem motivos para viver.

Ninguém a convidava para bailes ou chás, a presença dela parecia trazer tristeza ao lugar. Sim, Ada continuava a usar preto de luto todos os dias, comprou vários vestidos para a filha, por isso Ísis tinha vestimentas adequadas para o trabalho — afinal, seria um pecado sujar de sangue ou de sujeira roupas de tons mais claros.

Ela carregou a angústia da mãe durante o trajeto para o escritório, ficando pensativa e se limitando a dar “bom-dia” para as pessoas no automático. Desceu na parada suspirando, olhou para o céu azul no instante em que passava um dirigível com a propaganda política do governo. Uma mensagem motivacional funcionaria melhor naquela hora.

O portão da catedral estava apenas encostado, havia teias de aranha na grade preta e enferrujada. O local abandonado se tornou o escritório de Klaus depois de ele ajudar o governador com um caso. Fortaleza também não tinha recursos para continuar com a construção, muito menos a Igreja Católica local. Como o detetive prestou bons serviços para ambos, a catedral mal terminada se tornou a moeda de troca perfeita.

As duas torres pontiagudas deram charme à arquitetura neogótica de arcos e vitrais. Teria dado um cenário mais angelical se tivesse recebido a manutenção necessária. Com o desleixo de Klaus nos últimos anos, a catedral ganhou uma atmosfera mais assombrada. Era comum Ísis escutar sons estranhos no expediente, independentemente do horário.

Quanto mais escuro o céu, maior a frequência dos gemidos. De dor, não de prazer.

As três grandes portas de madeira da entrada estavam sempre trancadas, Klaus perdera as chaves e nunca se importou de chamar alguém para trocar a fechadura. Ísis entrava pela lateral, onde — por um milagre — ele ainda guardava a chave no bolso do casaco, junto de um anel de prata.

O detetive podia ser ateu, mas ainda era filho de bruxa e seguia certas superstições.

A garota não sabia se Ada conhecia esse lado dele, a família dela era muito católica. A mãe frequentava a igreja aos domingos, antes de ser viúva. Por hora, ainda rezava, mas praticava a religião dentro de casa. Enquanto isso, a garota ia sozinha às missas e orava em casa quando se lembrava. Graças ao novo emprego, passou a rezar mais vezes na semana, era complexo lidar com a morte e não pensar nela quando colocava a cabeça no travesseiro.

Sua relação espiritual era forte demais para ser questionada, mesmo na convivência de Klaus. A forte base de Ísis se tornou seu pilar, manter a paz dentro de si não era uma tarefa fácil, a cidade sombria vivenciava novos crimes a cada dia.

Tão concentrada, ela quase esbarrou no menino jornaleiro que estava na esquina. Ele fez uma careta, segurando com firmeza os produtos do seu trabalho. A reação de Ísis em pedir desculpas foi rápida, mas o título da manchete lhe atraiu mais a atenção do que a resposta do menino.

“O assassino em série de Caucaia ainda está solto” e logo embaixo tinha um retrato falado que não era dos melhores. O rosto estava bem desproporcional, as linhas do cabelo eram uma mistura de liso e cacheado, como se não soubessem o que predominava.

Parecia ser um caso de mais de duas semanas, nem mesmo a polícia tinha conseguido detê-lo. A cidade não ficava longe de Fortaleza, na verdade, era fronteira do município.

— Vai comprar ou não? — perguntou o menino, escondendo o jornal.

Ela estreitou os olhos diante da audácia dele, a resposta para o atrevimento ficou na ponta da língua. Contou até três, negou com a cabeça e voltou-se para a catedral. Poderia ter certa paciência na rotina com Klaus, mas as crianças não eram o forte da garota.

Com certeza, jamais teria filhos.

Tocou o sino da porta lateral, mas ninguém a atendeu nos primeiros minutos. Empurrou a porta de leve, pasma ao encontrá-la destrancada. Assim como em casa, era estranho se deparar com o escritório aberto. Klaus não costumava abri-la antes das 8h, queria que os clientes respeitassem o horário de funcionamento.

Ele e Ada estavam com novos hábitos.

Ísis fechou a porta ao entrar, tomando cuidado para não esbarrar nas pilhas de caixas no caminho. A maioria delas estava em cima dos bancos realocados da igreja. O escritório de Klaus ficava no centro, ele não era profano a ponto de usar a área do altar.

Não na presença de Ísis.

Conforme ela se aproximou da mesa de Klaus, mais procurou por ele. Avistou caixas derrubadas no chão, que não estavam ali no dia anterior, e um amontoado coberto por um pano com furos. Ele se mexeu para cima e para baixo, mas, em vez de Ísis acordá-lo, ela usou sua angústia para confrontá-lo — como se fosse sinônimo de acordar.

Foi até sua mesa, que continuava inutilizável com cacarecos do próprio Klaus, e deixou a bolsa por lá. Uma vez que tinha bisbilhotado o lugar, sabia onde encontraria duas panelas perfeitas para servir ao seu propósito. Pegou-as com um sorriso desafiador, pensando que ele não era bom o bastante para Ada.

A mãe merecia mais, e Ísis, como uma boa filha, faria o possível para saber quais eram as intenções de Klaus.

Aproximou-se outra vez dele antes de batê-las com força entre si. O choque dos metais ecoou pelo teto alto da catedral, e não demorou muito para que Klaus reagisse abruptamente ao despertador improvisado.

— EU SOU FILHO DE BRUXA E TE AMALDIÇO POR ME ACORDAR, SEU DEMÔNIO! — gritou Klaus, sentando-se e gesticulando os braços no ar.

Quase caiu com o impulso, se não tivesse se segurado no braço do sofá a tempo.

Ísis não se aguentou, cedeu ao desejo de enfrentá-lo. Soltou as duas panelas, sem se importar em amassá-las, ambas fizeram um barulho ainda maior ao colidirem com a cerâmica, mais uma vez ressoando pelo ambiente.

Colocou as duas mãos na cintura, afoita, e apontou o dedo para ele. O gesto mal-educado o fez franzir a testa enrugada, incrédulo com o espetáculo logo de manhã. As sobrancelhas arqueadas indicaram que Klaus não tinha ideia do que fizera.

Pobre Klaus.

— Por que minha mãe? — questionou a garota, com a voz firme e um olhar penetrante.

— Do que está falando? — Ele procurou se situar onde estava, como se estivesse perdido.

— O *senhor* é adulto, sabe, sim, do que estou falando.

De fato, ele não estava esperando a falta de sutileza.

— Nem são oito da manhã, por que diabos me acordou neste horário? — Indicou o relógio de madeira na parede. — Espero que não seja um novo método de conseguir demissão, porque poderia ter apenas ligado ou mandado uma carta.

Era evidente que qualquer pessoa era substituível para Klaus. Ísis se irritou ainda mais com a resposta dele.

— Quero manter minha compostura, mas é impossível continuar sem aumentar o tom de voz. Se estivesse falando com um cavalheiro, a história seria outra. Entenda, *Sr.* Klaus — ressaltou a penúltima palavra com ironia —, eu quero a felicidade da minha mãe mais do que tudo. Estou preocupada com ela.

— Aumentar ainda mais? — ele repetiu, e riu, então Ísis notou que estava gritando.

— E-eu... não importa. Minha mãe é meu bem mais precioso, e ela não está em um bom momento na vida, por isso rejeito qualquer relacionamento amoroso que vocês venham a ter em prol da saúde dela e... do nosso relacionamento profissional. — As palavras formais soaram atropeladas na boca dela, era uma tentativa falha de ganhar a discussão.

Se Ísis cortasse Klaus pela raiz, seria um espinho a menos para lidar com a mãe.

— Ah, você é filha da Sra. Ada.

A voz estava embriagada, conforme ele andava até ela com um olhar sereno. A proximidade deu destaque para o belo rosto dele, os cabelos lisos e fartos com fios grisalhos. Não tinha mais do que 50 anos, pelo que ela sabia, parecia ser um pouco mais novo do que a mãe. Era bem mais alto do que Ísis, que mal batia em seu ombro.

Ela conseguiu imaginá-lo mais novo, galanteando damas solteiras e comprometidas de Fortaleza. A beleza inegável, a inteligência sobre assuntos misteriosos, misturada à arrogância, poderiam ser uma tentação para elas. Ísis jamais as entenderia.

Independentemente do suposto passado de Klaus, a garota se irritou, despertando nela uma vontade de acertá-lo com um pedaço de ferro. Talvez assim ele se lembrasse de com quem estava se relacionando.

— O senhor abusa da minha paciência, *Sr.* Klaus — bufou ela, peitando-o ao repetir o pronome de tratamento com o mesmo tom sarcástico.

Vê-la confiante o deixou risonho, analisou-a por breves segundos e passou a mão na barba antes de soltar um riso.

— Sossegue, *Srta.* Ísis, tenho uma tarefa que vai ocupar melhor sua cabeça. — Ele lhe deu as costas, voltando para o assento. — Vá ao Departamento de Correios, porque minha correspondência urgente ainda não chegou. É uma prova importante para o caso do *Sr.* Bartolomeu, não quero que isso se prolongue. Confesso que o carteiro deve ter vindo quando estávamos fora, mas isso não é um problema, desde que esteja hoje nas minhas mãos. — Ele indicou a porta, enquanto tentou organizar o sofá.

— Ainda não terminamos essa conversa — insistiu Ísis.

— Como quiser. — Apontou outra vez para a porta, segurando o riso.

A garota não queria abusar do estranho bom humor de Klaus. Raras vezes ele bebia, o que acontecia em situações especiais, como eventos da cidade que foram as primeiras vezes que

se encontrou com ele. Nos quinze dias que ela o conheceu de perto no trabalho, Klaus bebeu apenas um copo de *whiskey* no funeral de um antigo cliente.

Ísis optou por consumir água, nunca colocou um gole de álcool na boca. A mãe sempre foi conservadora quanto a sua educação, embora Ada tomasse vinho pelo menos uma vez na semana.

Pegou a bolsa na mesa e saiu séria, sem dizer uma só palavra, eles teriam que conversar, a mãe não podia ser negligenciada. Sua mente estava presa nos pensamentos, por isso tomou um susto com os olhos castanhos angulares na entrada da catedral.

A garota na escadaria não parecia ser mais velha do que Ísis com seus 19 anos, os trajes amarrotados se tornaram um detalhe, pois as asas mais se destacaram do conjunto. Ísis ainda estava inerte por se deparar com uma fada de perto, elas eram mais comuns na Europa, nunca tinha visto uma no Brasil.

Não até aquele dia.

As mãos da fada se juntaram perto do corpo de Ísis, que ficou sem reação. Os olhos dela eram tristes, marcantes e profundos, não parecia que tinha dormido na noite anterior. As roupas não estavam em bom estado, havia manchas pertinentes de sujeira na saia.

A garota quis abraçá-la, sentindo na pele o desespero da outra. Era como se a aflição tivesse sido transmitida por uma corrente entre as duas, mesmo sem o contato físico.

— Por favor! Por favor, me ajude! — implorou a fada, com os olhos lacrimejando, um sotaque acentuado.

## Capítulo 2

— Quer um pouco de café? Talvez, rapadura? — sugeriu Ísis à fada.

Hana não conseguiu falar muito além do nome quando se sentou no sofá diante de Klaus. O olhar observador dele claramente a intimidou pela forma como ela limpava as mãos suadas na saia longa. O rosto, assim como os trajes, também estava manchado. Aonde quer que ela tenha ido na noite anterior, Ísis suspeitava que não tinha sido um lugar agradável.

— Sim, por favor. — Os olhos dela brilharam para a garota.

— Então, Srta. Hana, como podemos ajudá-la? — começou Klaus, dedilhando o braço da poltrona no qual se sentou confortavelmente.

Apesar da pergunta, Ísis decifrou o pensamento dele pelo suspiro. Em certas ocasiões, Klaus atendia possíveis clientes por educação, embora soubesse bem que não continuariam com ele. Os anos na profissão bastaram para aprender quando deveria investir seu tempo e sua energia. O tom de desinteresse na conversa mostrou que era mais uma situação que daria pouca importância.

Enquanto Klaus e Hana conversavam, Ísis foi para a cozinha improvisada no cômodo seguinte ao altar. Antes funcionava como o quarto do padre, o início da casa paroquial, mas agora tinha — ou deveria ter — itens alimentícios e um fogão. O cômodo, que era para funcionar como cozinha, nunca foi finalizado, agora não passava de tijolos empilhados na área de trás.

Faltava bastante para o escritório ficar completo, e Ísis acelerou para pensar em uma alternativa para a fada. Procurou o que tinha para servi-la, uma vez que parecia faminta.

— Como podem ver, sou uma fada, e a vida em Fortaleza não tem sido fácil para pessoas como eu — explicou Hana, voltando a atenção para ele. — Moro em um abrigo no subúrbio com outros monstros.

— Conheço alguns botos cor-de-rosa que moram por lá. Não é o melhor dos lugares, mas fornece comida, itens de higiene e lugar para dormir.

— Com certeza, melhor do que as ruas. — Hana tentou aliviar a tensão. — Desculpe ocupar o tempo de vocês, mas não viria aqui se tivesse com opções. Posso ser presa a qualquer instante.

— É o nosso trabalho, fique tranquila. Recebo pessoas como você todos os dias. — Klaus não hesitou em dizer, embora desviasse o olhar para Ísis, que passou com uma bandeja.

A garota serviu tanto o café quanto a rapadura para a fada. Hana uniu as mãos em uma espécie de prece, fechou os olhos e disse uma frase em uma língua que Ísis desconhecia. Ao terminar, revelou-se faminta, pois se controlou para não devorar tudo de uma vez. Era no mínimo triste ver um ser naquele estado, Ísis quis voltar para pegar mais comida, porém Hana se adiantou:

— Obrigada — agradeceu ela, e se voltou para Klaus, limpando o canto da boca. — Ouvi muito sobre o senhor nos jornais, tem feito bastante pela segurança da cidade. É por isso que tenho certeza de que pode me ajudar.

— Muito gentil da sua parte no elogio, mas se trata do meu trabalho. Por que não me conta o que aconteceu? — Ele tentou ser polido com as palavras, a fada estava nervosa, pela forma como apertava os joelhos com as mãos.

— Me acusaram de um assassinato.

Não era a primeira vez que alguém dizia a mesma frase na frente de Ísis, Klaus recebia casos de pessoas que eram acusadas de crimes. Era comum. Mesmo assim, a reação foi diferente com Hana, a garota não escondeu o choque de ver delicadeza ao lado de morte.

— E por acaso você a matou? — questionou Klaus, dando de ombros.

— É claro que não! — Ela foi enfática.

E Ísis confiou nela, a fada não parecia uma assassina.

— Ótimo, temos o começo — Klaus riu.

— O senhor não acredita em mim? — Havia preocupação na pergunta dela.

— Srta. Hana, o que eu penso agora não importa. Só gostaria de entender o caso para, assim, poder analisar melhor. Por que não se concentra nas minhas perguntas? Afinal, foi a senhorita que me procurou.

Rude, como esperado. A garota se segurou para não o enfrentar, embora entendesse sua posição ali. A lealdade ao emprego a conteve o necessário até a fada dizer:

— Desculpe. — Hana desviou o olhar, constrangida, embora tivesse percebido o desconforto de Ísis.

— Quem é a vítima? — Ele pegou seu caderno na parte de dentro do terno e sacou uma caneta escondida no assento, o que surpreendeu Ísis.

Klaus mudou de ideia?

— Duri, ela é uma fada, que foi encontrada morta com a garganta dilacerada na rua durante a madrugada. — A fada olhou para o canto, pensativa. — O cenário pode parecer mais comum do que imaginam, não é novidade que amanhece com um cadáver de monstro exposto ao público.

— Estranho terem duas na cidade — interrompeu ele, virando-se para Ísis. — Não concorda, assistente?

— Sr. Klaus, há muito que humanos não conhecem — rebateu Hana. — Ainda mais quando se refere a monstros. A quantidade de refugiados nesse período vêm aumentando.

— Então, não é daqui. De onde veio?

— Não é esse o caso — falou Ísis para ele, e a fada lhe agradeceu em silêncio com um aceno de cabeça.

— Tem razão, e eu nem posso falar muito sobre a vítima, já que não tenho ideia de quem seja — completou Hana. — Vim da Coreia, assim como muitos antes de mim.

— Qual é seu nome coreano? Pelo sotaque, imagino que tenha chegado aqui há pouco tempo.

— O senhor duvida de mim — disse Hana, com um olhar triste.

— Tento entender o cenário, veja o meu lado.

— Encomenda! — gritou alguém da porta, interrompendo a conversa.

— Vou pegar — disse Ísis, prontificando-se.

Afastou-se deles, ainda pensativa com as respostas da fada.

Pelo horário, a voz certamente era do menino que fazia as entregas da padaria. Como o escritório não tinha estrutura, mas os clientes eram exigentes, Ísis fazia pedidos semanais à padaria, que eram entregues todos os dias.

Tinha sido ideia da garota, uma tentativa de melhorar a qualidade do atendimento dado pelo escritório. O único problema era que Klaus comia quase tudo antes do segundo cliente chegar.

Sentia-se o aroma do pão fresco mesmo antes de abrir a porta, ela escolheu o melhor lugar para trabalhar com eles. A fome a fez salivar, talvez pegasse um pão para si depois de eles escutarem o caso de Hana.

O menino sorriu com o pacote na mão, quando Ísis apareceu, as bochechas fofas coraram. Entregou-o meio nervoso, recebeu moedas e agradeceu com a mesma empolgação que saiu saltitando.

Quando Ísis se virou, encontrou Hana a olhando fixamente, mesmo com a conversa prosseguindo. A garota estranhou a procura repentina, mas fez o que fazia todas as manhãs: organizou a comida na mesa de centro, que ficava entre Klaus e a fada. Precisou pegar pratos e suportes, empenhou-se em embelezar. Daria mais gosto comer.

Por sorte os utensílios eram limpos diariamente por Ísis, porque Klaus jamais o faria. Talvez ele virasse os farelos dos pratos na pia e os empilhasse de novo no armário embutido. Era uma possibilidade que a garota não gostaria de teorizar.

— Está com fome, Srta. Hana? Fique à vontade para comer — ofereceu Klaus, indicando a comida na mesa.

— Muito obrigada — agradeceu ela, pegando o pão e passando geleia de uva com a faca.

— Não precisa se apressar... — adiantou-se Ísis, com a mão no peito.

— Preferia continuar a conversa enquanto como, não precisam manter a etiqueta comigo.

— Como queira — assentiu Klaus. — A acusação é formal? Como foi a abordagem do policial?

— Sim, vieram de madrugada no abrigo e me fizeram passar a manhã na delegacia, até agora. Consegui sair apenas porque o médico-legista ainda ia avaliar o corpo.

— Então, Bora está com ele — disse ele à Ísis, antes de se voltar para Hana. — Temos amigos que trabalham por lá, vamos analisar o corpo assim que acertarmos o valor.

— Ah, o *valor*. — Ela colocou o pão mordido de volta no prato.

Ísis notou a mudança no tom de voz de Hana. Cobrar pelo serviço era uma questão delicada, poucos clientes desistiram nessa etapa porque confiavam no trabalho e no resultado de Klaus.

— Claro, não pode achar que o melhor detetive particular de Fortaleza trabalha de graça, Srta. Hana.

— Tem razão, Sr. Klaus. Foi ingenuidade minha acreditar que poderia ajudar um monstro acusado injustamente. Desculpe por ter ocupado sua manhã.

A tristeza dela afetou Ísis, pois foi ela quem trouxe a fada para dentro e sentia que esta precisava de auxílio imediato. O governo negligenciava demais os monstros.

— Não há problema, fique bem, senhorita. Vai encontrar ajuda com advogados *pro bono publico* em escritórios perto da Praça do Ferreira. — Ele se virou para Ísis. — Por favor, acompanhe a Srta. Hana até a porta.

— E muito obrigada pela comida — agradeceu ela, antes de acompanhar Ísis.

Ambas foram até a entrada lateral em silêncio. A acústica do local fazia com que Klaus as escutasse, e Hana pareceu bastante contida com a conversa. Ísis não tinha ideia do quão difícil era ser acusada de um assassinato, por mais que tivesse lidado com clientes suspeitos. Na própria pele era outro temor.

A situação os fizeram ficar diante da ré, colocando um peso maior sobre os ombros da garota. Na visão dela, a pressão de ver Hana e imaginá-la sem sua liberdade era um pesadelo. Klaus poderia abrir uma exceção aos custos do caso, ainda mais porque nunca lidava com monstros no dia a dia.

Em vez de obedecê-lhe, Ísis acompanhou a fada até a rua. O gesto tirou um pequeno sorriso do rosto triste de Hana. A garota poderia admirá-la o dia inteiro, a beleza dela era incontestável. Delicada, como se Deus tivesse a esculpido. O queixo afilado seguia para um pescoço esguio, pouco se via das clavículas, mas eram salientes nas brechas da gola.

A calçada estava pouco movimentada, dava espaço para as duas se olharem na despedida. Apenas pensar na palavra incomodou Ísis.

— Obrigada por ter me ajudado — disse Hana, com um pequeno sorriso. — Talvez o Sr. Klaus nem sequer teria me escutado se você não tivesse me colocado para dentro da catedral.

— Eu queria fazer mais pela senhorita.

— Não se preocupe...

— Não, sinto muito por não podermos continuar com o caso. É fora do meu controle, por mais que eu insistisse com ele. — Ela colocou as mãos nas costas, deixando a coluna ereta. Tentou manter a pose profissional, embora não afugentasse seus pensamentos sobre a fada.

— Tudo bem, eu entendo que o Sr. Klaus tem outras prioridades.

— Ele podia ser mais humano — completou Ísis, revirando os olhos.

— Na verdade, ele é bem humano para mim — Hana riu, e a garota a acompanhou.

— Tem razão. — Ela forçou um sorriso, na tentativa de amenizar o clima.

— Mesmo assim, fico feliz por ter sido escutada, e por ter te conhecido. — Hana levantou o braço por um momento, mas logo o recolheu. Sorriu outra vez, e partiu com as mãos balançando rente ao corpo.

— Eu também! — Ísis se pegou dizendo.

Viu-a partir pela calçada e desaparecer no segundo quarteirão. As lojas do bairro começaram a abrir, assim como surgiram os automóveis na esquina. Os postes de lâmpada a gás já estavam desligados, deram a vez para o sol iluminar a rua. A cidade cantou bom-dia, mas Ísis não estava empolgada como os vendedores, que esperavam um dia cheio de clientes. Ela acreditou que poderia ter feito mais.